

REDACÇÃO PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da C. G. T.

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 28-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talha — Lisboa • Telefone: 17

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O que se prepara?

Tem sido frequentes, ultimamente, os boatos de que está prestes a estalar um movimento revolucionário, movimento de que ninguém sabe as tendências, possibilidades, mesmo, que ele não consista senão na imaginação dos frequentadores dos mentideros políticos. Facto é, porém, que o rumor, a que, quando em quando, dá forças a cidade, informes de carácter francamente oficial, alarmando a população que, revoltada, assiste ao esboço da ameaça de uma próxima desordem entre políticos, e que para ela só pode trazer luto e desgraça. Ora nós, que aqui temos defendido com arvor a causa e os interesses do proletariado, atacando todas as propolias da burguesia e dos políticos, pondo as suas manobras a descoberto, o que nos tem acarretado perseguições e ataques daqueles a quem não convem a existência do diário sindicalista, não podemos deixar de censurar as criaturas que preparam novos massacros, quer as que rastejam na treva dos bastidores revolucionários, quer as que do alto do poder preparam uma atmosfera de revolta com as suas perseguições e as suas violências revolucionárias. Essas criaturas é que são os agentes dessas revoluções fictícias, sem nobreza e sem ideal, que tem lançado a discórdia entre o povo e encheido as valas dos cemitérios de cadáveres. Temido as ambições pessoais, os ódios de facção, os apetites inextinguíveis das coteries, a desvergonha dos viciados, os factores máximos dos 14 de Maio, dos 5 de Dezembro e de tantas outras revoluções e revoluçõesinhas que todo o mundo de sangue todas as páginas da história destes nove desgraçados anos do República burguesa e estruturalmente reaccionária, apesar de toda a *mise-en-scène* democrática. Repugna-nos, pois, a hipótese de uma nova revolução. Para quê? Com que fim? Certamente para satisfação dos políticos, para que se guinde ao poder ambicionado uma das influências políticas que para aí pululam. Mas para isso, para tamanha miséria, valerá a pena a um proletário, arriscar a vida, jogar a sua e a sorte da família? Não, mil vezes não.

O proletariado tem, por vezes, concorrido para vários movimentos insurreccionais. Tem-se dedicado a embriagar pelos políticos e por eles se tem sacrificado. Como contribuição, teve sempre o desprezo mais absoluto pela sua situação, a perseguição sistemática dos seus organismos de resistência, a produção mais completa ao comércio, indústria e agricultura lavravazes. Deve estar desiludido, definitivamente desiludido e, por isso, de certo que as nossas palavras de hoje, aconselhando-lhe o desprezo absoluto pela convulsão revolucionária que dizem aproximar-se, serão bem acolhidas. Basta de revoluções de partidos, basta de sangue derramado em holocausto aos apetites dos políticos profissionais. Revoluções dessas repugnam-nos, porque não representam um progresso da Humanidade, mais um passo no caminho da sua emancipação. Nós queremos, na realidade, uma revolução. Mas a Revolução que nós desejamos, representa a abolição do salariato e da propriedade privada, a luta sem tréguas ao clericalismo e ao militarismo, o apeamento da burguesia como classe dominante. A nossa Revolução encerra um cântico ao amor, ao trabalho, à fraternidade universal. Nós combatemos todas as podridões e desigualdades sociais, queremos que o sol da liberdade aqueça com os seus raios este Portugal, presa dos políticos e dos especuladores. Enquanto que a revolução que se urde na sombra, é uma revolução negra, sangrenta, acobertada em misteriosos enredos, a nossa revolução é cheia de luz, é cheia de beleza e é trabalhada publicamente. Nós, proletários, queremos a nossa Revolução e não a revolução dos ro-

Pelos jovens sindicalistas presos

Apelo aos trabalhadores

Encontram-se ainda algumas dezenas de jovens sindicalistas presos. Eles precisam de ser auxiliados monetariamente, porque não possuem recursos de espécie alguma. Estão presos pelo seu muito amor à causa do proletariado, pelo seu desejo de que bem alto se erga o nome da organização operária. É necessário que o proletariado os auxilie, que corra em seu auxílio, que os não abandone. É um apelo que hoje ergue a União das Juventudes Sindicalistas, certa de que ele encontrará eco em todos os trabalhadores conscientes que com simpatia tem seguido o movimento da mocidade operária.

A União das Juventudes Sindicalistas

TADINHOS DELES!

Os senhorios a braços com a miséria, vejam lá vocês...

Vive naturalmente o leitor na tranquilidade de quem não tem problemas pessoais, farta, opulenta, regalada, transbordando em ríspas de rendas de seus prédios, rendas que, de há tempo a esta parte tem subido de molde a proporcionar aos que as arrecadam comodidades de pachá. O leitor, que se vê obrigado a pagar pelo aluguel da sua toca quasi metade do que o seu braço consegue granger, pensar talvez que não é a situação dos senhorios digna de lástima, pois antes invejável a vislão. Ora está enganado o leitor redondamente. O senhorio é um desgraçado. Quasi vive na miséria. A carestia das subsistências, então, alige-o extraordinariamente. O senhorio está à dependência. Encontra-se reduzido a pão e lanfania, e pouco faltará para o veja-mos estender a mão à caridade pública.

Meu senhor, uma esmolinha para um infeliz senhorio que só tem três prédios e não tira mais que uns tristes cinco a seis contos por ano...

A estas conclusões, pelo menos, se chega, após haver lido a circular que a direcção da Associação Lisbonense dos Proprietários fez imprimir e distribuir pelos consócios. Vale a pena transcrever uns trechosos da curiosa jere-miada:

Uma legislação sem igual em nenhum dos países do mundo em que não domina o bolchevismo, faz com que os proprietários urbanos portugueses venham sendo vítimas da escandalosa espoliação constituída pelas transações que, quer no inquilinato comercial quer no de habitação, são exigidas pelos respectivos inquilinos a quem precise alugar uma casa.

Todos podem hoje negociar com um crédito menor o seu próprio, a todos é permitido aumentar os preços das mercadorias com que negociam em harmonia com o aumento das suas despesas. Só ao proprietário urbano é proibido pelas leis vigentes, sob pena de multa, de aumentar, segundo o critério das mesmas leis.

É absolutamente indispensável que, a par das reclamações a apresentar aos poderes públicos, esta Associação faça a propaganda necessária para criar um estado de opinião favorável ao bom senso e às reclamações dos proprietários urbanos. A todos se reconhecem as dificuldades de vida resultantes da depreciação de moeda e a todos se procura dar uma relativa compensação. Só ao proprietário urbano é proibido pelas leis vigentes, sob pena de multa, de aumentar, segundo o critério das mesmas leis.

É absolutamente indispensável que, a par das reclamações a apresentar aos poderes públicos, esta Associação faça a propaganda necessária para criar um estado de opinião favorável ao bom senso e às reclamações dos proprietários urbanos. A todos se reconhecem as dificuldades de vida resultantes da depreciação de moeda e a todos se procura dar uma relativa compensação. Só ao proprietário urbano é proibido pelas leis vigentes, sob pena de multa, de aumentar, segundo o critério das mesmas leis.

A SITUAÇÃO NA ITÁLIA

Nacionalismo, burguesia pacífica e socialismo — Nada de conúbios suspeitos! — O apelo à revolução

A aventura de D'Annunzio, cantor de taras e aboritos morais, provocou na Itália uma grande agitação, que pode muito bem ser o prelúdio duma crise revolucionária, resolvida pelo triunfo de um dos extremos que se debatem encarnadamente: o nacionalismo militarista e o socialismo maximalista.

O primeiro, que a «bela guerra» fez arrogante e prepotente, ameaça o céu e a terra, anuncia para breve uma mutação de scena e promete raiar na ordem extremista da esquerda.

Para realizar o seu sonho imperialista duma Itália-Maior, do domínio exclusivo do Adriático — *Panarissimo*, como diz o poeta-aventureiro, — da hegemonia no Mediterrâneo oriental, o partido militarista não hesitaria em desencadear uma nova guerra, uma nova sangria do povo já exangue. E nisso seria coadjuvado pelos fornecedores, especuladores, financeiros, todos aqueles que ficam na rectaguarda a pescar riquezas no mar de sangue.

Quanto ao socialismo revolucionário, não o intimidam as bravatas do truífento adversário, às quais responde com o franco apelo à revolução e uma febril e inintermitente agitação na praça.

A sua actividade nestas últimas semanas pôde servir de modelo a qualquer partido de acção.

No meio destas fracções extremas francamente inimigas, a burguesia civilista, que teme as aventuras perigosas e as cabeçadas, susceptíveis de produzir dificuldades económicas e financeiras, por falta de apoio de certas patões do mundo, e capazes também de oferecer à revolução social um terreno extremamente favorável, essa burguesia procura governar a nau do Estado com a maior habilidade, seguindo em particular os conselhos das velhas raposas políticas como Giolitti.

Al nacionalismo aponta ela o perigo socialista, o papão bolchevista, que trará a todos, se não houver juízo e união entre os defensores da sociedade decrépita. É precisamente a linguagem do *Corriere d'Italia*, em cuja opinião a ameaça extremista desta vez é séria, por encontrar na sua frente um organismo estatal débil, um exército indisciplinado, uma burguesia dividida.

Mas ao mesmo tempo, a burguesia civilista, que diz recear o «bolchevismo militarista e nacionalista de D'Annunzio», agita este espantoso diapasão do socialismo, para o amansar, para o desviar da sua tarefa específica e para se servir dele contra uma facção que a inquieta. Vários proveitos num saco.

Demasiadas vezes, na verdade, tem o socialismo servido de joguete nas contendas entre as diversas fracções burguesas, as quais depois se entendem sempre, quando se trata de reprimir sem piedade qualquer movimento verdadeiramente socialista e proletário, quando se trata, em suma, da defesa do privilégio, da comum gema.

Não admira, pois, que ao operariado italiano fosse agora entoadado de novo a custumada antífona.

— Olha o militarismo, nosso comum inimigo! Unamo-nos todos para o debelar. Põe de parte os teus interesses próprios, abandona a luta de classes, deixa lá essa história da revolução social para as calendas gregas. O urgente, agora, é salvar o poder civil das garras da ditadura militar.

Mas o proletariado, desta feita, não estava em casa. Que se arranjassem lá os burgueses entre si — todos eram compadres, todos tinham promovido a «bela guerra», causadora da horrível situação actual e cevadora do monstro militarista. Ele, proletariado, trataria da sua própria defesa.

O próprio Turati, convidado a tomar parte num conselho da coroa, nada menos, respondeu, conformando-se com o espírito e as necessidades do partido, que declinava tam subida honra: o pleito estava entregue ao povo, que o havia de resolver abrindo as portas do futuro — quanto mais cedo melhor.

Ao mesmo tempo ia pelo país fora uma agitação proletária intensíssima, animada da febre dos grandes momentos.

Todos os partidos operários estão estreitamente unidos na acção. Em Roma, o manifesto de 24 de Setembro, que instiga o povo a não permitir uma nova guerra, a não se deixar colher de surpresa, a estar preparado para expor a vida, é assinado pela União Socialista Romana e pela Federação Anarquista do Lácio.

Ali a luta toma desde logo um necessário carácter violento. Os comícios realizam-se apesar das proibições, a despeito das cargas da polícia, em frente da própria prefeitura. E os militantes avançados, que não abandonam o povo e que o povo não abandona, arrancando-os, se for preciso, às mãos da polícia, falam sobre os ombros de quatro camaradas, sobre uma carreta de canhão austriaco, sobre qualquer coisa, incitando os operários e soldados à revolução, no meio das cargas furiosas dos janizaros da desordem capitalista.

Nas ruas de Roma organizam-se violentas manifestações, travam-se combates à bengalada entre militaristas e revolucionários, como no dia 26, em frente do famoso Café Aragno. Os revolucionários compreendem que, nas grandes ocasiões, é preciso não abandonar a rua ao inimigo e levantar os ânimos contra ele.

Por todo o país, o mesmo estado de espírito, traduzido-se em insólitas manifestações de organismos operários, de comícios populares, de mutilados da guerra, de soldados que assistem fardados às reuniões, porque, dizem os de Placência, «após o exemplo dado pelos militares que seguiram o poeta, já ninguém poderá negar aos soldados o direito de tomar parte em demonstrações e assembleias».

Com as suas manhas, os políticos como Giolitti procuravam contemporizar, acalmando uns e outros com soluções ambíguas, que não contentam ninguém, mas paralizam a todos... Consegui-lo-hão?

A um camarada que lhe escrevia: «Mas, desgraçados, a Revolução já passou, vocês deixaram-na ir!», Monatte respondia recentemente: «Não tem dúvida, ela tornará a passar em breve, e muitas vezes». E o que se pode dizer da Itália: a hora poderá ser retardada, não muito; mas nem por isso deixará de soar. As situações revolucionárias renovam-se e multiplicam-se, cada dia com maior velocidade.

Sindicalização obrigatória

Uma resposta do sr. João Camoesas

Continua o sr. João Camoesas justificando os seus pontos de vista a respeito do projecto de lei da sindicalização obrigatória:

«O cooperativismo, tal como o estabelece o projecto, faculta a mais intensa e extensa acção possível da solidariedade»

Neste capítulo com os outros, o sr. M. J. de Sousa, pensa e escreve tam obediado por preconceitos, arraigados ao ponto de parecerem taras, que nem chega a elaborar uma clara noção da doutrina do projecto. Para ele, segundo de um velho lugar comum já gasto e desusado, «o cooperativismo amortece quando não aniquila o espírito de solidariedade, desenvolvendo de preferência o egoísmo, o individualismo burgues, como atestam numerosos casos que será supérfluo exemplificar». O sr. M. J. de Sousa refere-se a uma maneira abastardada da cooperação, verdadeiro mimetismo das explorações comerciais que não tem nada de comum com o cooperativismo a que se refere o meu projecto. Entendo por cooperativismo, o conjunto das sociedades de consumo e produção, onde todo o lucro individual que não seja o embaratecimento e a melhoria de produto, são abolidos. Lucros, se chega a havê-los, são sempre diminutos neste sistema, tem um destino colectivo, fundamentam obras de solidariedade social tais como escolas, fundos de greves, etc... Esta modalidade do cooperativismo já existe até entre nós. A Batalha, quasi a seguir ao artigo do sr. M. J. de Sousa, a que respondo, chamando ao sindicato dos arsenalistas «um sindicato modelo», descrevia-nos a sua cooperativa e o seu funcionamento. Nessa entrevista se refletava a observação de que os arsenalistas são dos mais dedicados e conscienciosos elementos do movimento operário português, respondendo sempre, prontamente, a todos os apelos de solidariedade operária. Quere dizer, a sua cooperativa não amortece nem aniquila o seu espírito de solidariedade, desenvolvendo-lhe de preferência, o egoísmo, o individualismo burgues, ao contrário, precisamente, das ideias do sr. M. J. de Sousa!

Neste particular a minha fanigerada artimanha líquida num processo magnífico, em prática até em Portugal e Espanha. De facto a cooperativa vai já unida ao sindicato em várias partes e desdê união tem resultado, apenas, uma maior eficiência e uma mais pura aplicação dos dois processos. É que no operário coincidem as duas qualidades de produtor e consumidor que são a justificação elementar, irrefragável, dentro das vossas próprias doutrinas, de que tome a seu cargo a organização defensiva dessas duas posições inevitáveis. E assim a cooperativa que isolada degenerava em geral numa exploração comercialista, mais ou menos disfarçada, converte-se na função do sindicato, num magnífico instrumento de comodidade imediata e de aperfeiçoamento remoto. Comodidade imediata porque, eliminando intermediários entre o produtor e o consumidor, barateia o custo da vida. Aperfeiçoamento remoto, porque permite à organização de explorações industriais organizadas dentro do critério operário, os quais funcionam como uma pedagogia de acção, preparando a consciência do trabalhador para uma era de maior justiça e maior perfeita liberdade. Do contrato de trabalho da Produktion de Hamburgo, alguém escreveu que era um modelo de justiça social. Assim devem ser, assim tem de ser, segundo o meu ponto de vista, as cooperativas a que se refere o meu projecto.

Assim devem ser, assim tem de ser, dentro do meu ponto de vista, repito, porque elas veem no seu lugar próprio, dentro da organização operária geral. Não embaraçam, nem intibam a função de resistência, de defesa económica do produtor, que pertence à unidade do sindicato, porque funcionam junto da União Local dos Sindicatos.

Mas não estão arriscadas a atrofiar-se a degenerar, porque estão dentro da organização, sujeitos, por consequência, ao seu influxo, o qual por fatalidade de constituição desviará sempre da unidade sindical. Órgão de aperfeiçoamento económico e moral, a cooperativa está, logicamente, integrada na unidade dos sindicatos que é, por si, o primeiro grau de aperfeiçoamento orgânico. Para não alargar, mas hei-de fazê-lo, logo que possa, não desenvolvo um dos aspectos mais interessantes do meu projecto, que esta disposição da cooperativa já revela o da energia íntima, automática quasi, de todas as partes do grande organismo proletariano nele delineado, de acordo com toda a experiência efectuada e com a verdadeira fisiologia dos organismos existentes.

Antes de findar não quero esconder o alcance que a integração do cooperativismo na organização geral do operariado possui. De facto é uma remodelação inteira do mecanismo do consumo que se propõe. Haverá cooperativas em

todos os pontos do país, e a sua federação obrigatória creará os grandes organismos de produção e troca necessários ao seu abastecimento. O crédito indispensável será facilmente realizado porque cada trabalhador, sendo uma unidade de consumo, representa a seu elemento primordial.

De quanto fica exposto, logicamente se conclui que, muito ao contrário do que erradamente supõe o sr. M. J. de Sousa, o cooperativismo, tal como o estabelece o projecto, faculta a mais intensa e extensa acção possível de solidariedade.

«O Inspectorado Nacional do Trabalho é acima de um órgão de fiscalização um grande instrumento criador de aperfeiçoamento social»

Em relação ao inspectorado também o sr. M. J. de Sousa está consideravelmente afastado do problema e do valor das suas soluções. Aquí, porém, esse afastamento não é de admirar, porque se trata duma simples enunciação, ignorando-se as características desse organismo, segundo o meu critério, as quais aparecerão num projecto de lei especial que tenho quasi pronto. De passagem responderei a uma dúvida do meu contraditor acerca das Federações Nacionais; trata-se duma grahia. Onde está Nacional, escrevi Regionais.

Vamos ao que importa. Segundo o sr. M. J. de Sousa «o certo é que o Inspectorado do Trabalho é uma burla, destinada a corromper os delegados que a tal instituição pertencem». A eficiência da corrupção dos delegados tem de eliminar-se já, pois está suficientemente prevenida com a revocabilidade dos mandatos respectivos. O aspecto de burla que pretende atribuir-se-lhe desaparecerá também perante a simples exposição do que será, dentro do meu ponto de vista, essa instituição.

O Inspectorado Nacional do Trabalho compôr-se-há de duas categorias de funcionários — os inspectores e os fiscais. São podem ser inspectores médicos especializados em medicina social e engenheiros especialistas de organização industrial. Os fiscais serão delegados dos sindicatos operários.

O simples enunciado da composição do Inspectorado, que está de acordo com as tendências científicas mais perfeitadas acerca da questão, esclarecerá bastante já as pessoas de boa fé e ânimo limpo, desfazendo todas as prevenções do meu contraditor. Descrevamos, porém, duma maneira rápida, a sua função e obtenhamos uma resposta perfeita que liquidará, como um vício, todas as objecções do sr. M. J. de Sousa.

Em primeiro lugar o país será dividido em racionaisíssimas circunscrições industriais. Em cada uma delas existirá o pessoal técnico bastante. Os inspectores elaborarão os moldes fisiológicos do trabalho em cada um dos estabelecimentos da sua circunscrição.

Os fiscais vigiarão a sua aplicação, até sem necessidade de se desviarem da sua profissão. Os inspectores terão todos os deveres complementares, desde a organização do cadastro industrial respectivo, pelos engenheiros, até à elaboração do cadastro sanitário, da divulgação dos preceitos higiénicos, e comitantes, da prevenção dos acidentes patológicos e industriais pelos médicos. No meu pensamento, pois, o Inspectorado Nacional do Trabalho, longe de ser uma burla é um organismo especializado e capaz, elaborador constante de melhoria das condições do trabalho e da sua racional eficiência. Num país, como o nosso, de tremendo atraso técnico e higiénico, não é demais concluir que ele será, acima de um órgão de fiscalização, um grande instrumento criador de aperfeiçoamento social.

Mais uma vez depois do que já exposto o sr. M. J. de Sousa terá ocasião de verificar os perigos de uma conclusão precipitada, onde defeitos duma atitude de espírito, onde desconfiança excessiva é preconceitista faz avultar aspectos, autenticamente doentes.

JOÃO CAMOESAS.

A grande consulta operária

O que um velho militante esperava do Congresso de Lião

Em vésperas da grande assembleia operária de Lião, um dos nomes mais queridos no mundo sindicalista, Jorge Yvetot, o sucessor de Pelloutier no secretariado das Bólsas de Trabalho, o autor do *Manual do Soldado*, obra clássica do antimilitarismo proletário, escreveu acerca do imminente congresso um artigo, do qual julgamos interessante fazer algumas transcrições:

Foi precisamente em Lião, — já lá vão 17 anos, — que se decidiu a reunião dos dois agrupamentos sindicalistas franceses, que ligavam uns aos outros todos os sindicalistas do país.

Um desses agrupamentos chamava-se já a *Confederação Geral do Trabalho*, embora então estivesse longe de agrupar todos os sindicatos. O outro agrupamento chamava-se *Federação das Bólsas de Trabalho de França e Colónias* e reunia, com os seus sindicatos, todas as Bólsas do Trabalho ou Unões locais de sindicatos diversos.

Desde 1902 que, a C. G. T., nas suas duas secções distintas, agrupava duplamente, sem haver superfluação, os sindicatos de todas as corporações por meio das suas federações de indústria e todos os sindicatos diversos por meio das suas Unões departamentais.

Força é convir que, antes da realização desta união das duas grandes organizações, existia um antagonismo, de cuja responsabilidade não estava isenta a política. Nele se enervavam questões pessoais, que geravam a discórdia e mantinham a divisão. Basta ler o belo livro de Fernand Pelloutier (*Histoire des Bourses du Travail*) para compreender e admitir as velhas lutas, que aliás se renovam periodicamente,

pois que se trata sempre, sob formas diversas ou novas, das duas tendências sociais do mundo operário em luta pela sua emancipação: a tendência reformista e a tendência revolucionária.

... Deve-se ter em conta que o número dos aderentes à C. G. T. aumentou consideravelmente desde o último congresso anterior à guerra (Le Havre, 1912). A C. G. T. contava então 600.000 membros: hoje conta dois milhões e meio!... É uma cifra respeitável! É um número imponente!

Se todos esses aderentes estão comprometidos dos sentimentos de solidariedade operária na defesa dos seus interesses corporativos, serão eles igualmente conscientes dos próprios princípios do nosso sindicalismo? É isso que é duvidoso.

Estaria eles todos dispostos a afirmar que «a emancipação dos trabalhadores há de ser fruto dos seus próprios esforços, pela supressão do patronato e do salariato, isto é, pela Revolução Social»? Se disso estivessemos persuadidos, poderíamos então perguntar por que motivo não está feita a revolução.

Não há, pois, remédio senão admitir que por ora nem todos os sindicalistas são revolucionários. Mas nesse caso, há razões para supor que não se soube talvez tirar proveito dos acontecimentos, os quais no entanto são bem revolucionários, para convencer os crédulos, os tímidos, os timorados de entre esses numerosos sócios novos.

Não o fizeram, ou fizeram-no mal, coisa a averiguar.

... O que mais me tranquiliza, acerca deste encontro das ideias revolucionárias, é que a audácia e a força dum proletariado novo não de querem ser dúvida afirmar-se pela edificação esportiva dum mundo social novo.

O Congresso Confederal de Lião é a consulta da qual deve sair o método de empregar, para dar à luz a Sociedade nova baseada no Trabalho soberano e

As reuniões do Governo

O conselho de ministros passa a reunir todos os sábados, em Belem, sob a presidência do chefe de Estado, segundo se lhe a assinatura presidencial para todas as pastas.

O aniversário da "Voz do Operário"

Comemorando o 4.º aniversário da velha Sociedade «A Voz do Operário» realiza-se amanhã, na nova sede daquela instituição, um interessante festival, cujo programa é o seguinte:

Às 8 horas, anunciada por uma salva de morteiros, em seguida visita às associações de classe, de recreio e cooperativas, existentes no próximo da sede desta Sociedade, tendo a estes actos o Grupo Musical União Chelense. Às 10 horas, sessão solene, para a qual se convidaram vários oradores e todas as agremiações operárias, mesmo aquelas que não receberam convite especial por se desconhecerem as direcções. A sessão será abrilhada pela Tuna Recreativa Tondolense. Por essa ocasião serão distribuídos os prêmios de Jacinto Iglesias, e mais 120 oferecidos por esta Sociedade aos alunos das 60 escolas privativas e de contrato. A festa realisa-se numa das dependências da nova sede social em construção, estando o edifício engalanado com bandeiras codicadas por diversas colectividades operárias.

Das 16 às 18, concerto musical pela distinta banda da Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadenense.

A sede estará todo o dia patente a quem a queira visitar.

Jorge YVETOT

O QUE VAI LÁ POR FORA

NA HUNGRIA

Uma carta dum foragido para o "Avanti". — A República dos Soviéticos caiu, unicamente em virtude da pressão exercida pelos exércitos aliados. O terror branco e um apelo de O. Morgari.

A "vanti", o conhecido diário socialista italiano, publicou uma carta dum camarada húngaro, — fugido do seu país à perseguição reaccionária da Entente, — na qual ele descreve a maneira como se formou e caiu a República dos Soviéticos, e as circunstâncias que a tornaram possível.

Dentre todos os países que tomaram parte na guerra—disse ele—foi a Hungria um dos que mais sofreu; principalmente no último ano de guerra as privações foram extremas, faltando quasi todos os generos de primeira necessidade.

Em Novembro desse mesmo anno—por occasião do armistício—rebetou a revolução, na qual tomaram parte muitos elementos da burguesia, ficando assim o poder nas mãos dos radicais desta ultima classe e dos social-democratas. Estes não fizeram para melhorar a situação, exgotando simplesmente todas as suas forças na caça aos comunistas.

Estavam as coisas deste modo, quando uma nota da Entente exigiu a entrega da maior parte do território húngaro. O governo de Karoly não teve nem a coragem de satisfazer essas exigências, nem força para lhes resistir, e viu-se obrigado a deixar o seu posto.

Foi então que o proletariado, no dia 24 de Março, tomou nas suas mãos o poder e estabeleceu a ditadura sob a direcção de Bela-Kun, que até essa data tinha estado preso.

Bela-Kun aceitou a missão, confiando que a revolução mundial estava à porta, e que em pouco tempo o exercito vermelho de Lénine viria em seu auxilio. Com esta esperança pôs-se a trabalhar com toda a presteza, energia e decisão. O mês de Abril foi o mês da criação. Mas no entanto o inimigo exterior descançava, e a 2 de Maio os checos e os romenos apareceram diante de Budapest.

O conselho de operários tratou de organizar em alguns dias um exercito vermelho de vinte mil homens, que em pouco tempo atirou para lá das fronteiras com o infame bando checo-romeno.

A Entente,—a incitadora de todas as contra-revoluções—ao ver que os húngaros resistiam assim, respondeu-lhes com um bloqueio mais apertado, ao mesmo tempo que, temendo já o nascimento do imperialismo romeno, ordenava a estes que cessassem as hostilidades.

Como consequência do bloqueio, a miséria da população húngara começou a aumentar, e os contra-revolucionários—instrumentos da Entente—procuraram fazer crer que a causa da fome era o Soviete.

Desmoralizados e enfraquecidos pelas privações, os trabalhadores começaram a perder a fé na ditadura, e quando os romenos—desobedecendo ás ordens dos aliados—tomaram novamente a ofensiva aqueles não se acharam com forças para lhes resistir.

Ao mesmo tempo que isto se passava, a Liga das Nações por intermédio de Viena participava que já mais entabulava negociações para a paz com o governo bolchevista húngaro; então Bela-Kun vendo que o auxilio do proletariado internacional, com que tinha contado, não chegava, pediu a sua demissão, entregando o poder aos social-democratas, que poucas horas depois também resignaram.

Sucedeu-lhes o arquiduque José de Habsburgo, dando-lhe a França nessa occasião o seu apoio, embora agora pareça não o ver já com muito bons olhos. Este apresentou-se como republicano, está claro, em vista das condições em que tomava conta do poder, mas a restauração da monarchia de Habsburgo pela graça de Deus não se deve demorar. É curioso notar que foi a destruição da monarchia de Habsburgo um dos fins da guerra da França republicana, e é agora ella própria que empurra para o trono da Hungria um membro dessa familia.

Porém voltando ao nosso assunto, vê-se por tudo isto, que a República dos Soviéticos não faliu; foi vencida temporariamente pelos carrascos associados na Liga das Nações, mas a sua recordação ainda se conserva viva no espirito dos trabalhadores, em vista do que agora tem passado sob o dominio dos romenos e do arquiduque José.

Se amanhã rebentar a revolução mundial o proletariado húngaro será dos primeiros a nela tomar parte, dando assim uma prova de que a ditadura foi vencida da mais não morreu.

O socialista italiano Oddino Margari, que como embaixador vermelho percorreu toda a Hungria durante a República dos Soviéticos, assistindo também á supressão violenta do regime proletário, pede de Viena á direcção do seu partido que inicie um movimento de protesto contra as formas ferozes que assume o terror branco na Hungria. As matanças de judeus sucedem-se; as prisões estão repletas; a população de Budapest morre de fome, porque as tropas romenas se tem apropriado de todas as provisões.

A imprensa está sujeita á censura do commando militar romeno. O jornal social-democrata *Nepszava*, depois de ter saído alguns dias com pedços em branco, foi suprimido juntamente com todos os jornais socialistas e sindicalistas, começando a publicar-se ao contrario, três jornais clericais.

O que dirão agora, a isto, aqueles que já, por mais duma vez, mostraram a sua indignação contra a malvadeza e selvageria dos bolchevistas russos?

NA ROMANIA

As ideias imperialistas—Os social-democratas—Os socialistas romenos

A exemplo de todos os seus aliados, a Romania entrou na guerra da liberdade, civilização e democracia, unicamente, com a mira nas espólios e conquistas territoriais.

A sorte ao principio pouco a favoreceu, mas parece que isto ainda lhe escapou mais a voracidade dos appetites. Não se achando satisfeita com a posse da Bessarabia, Temesver e da Transilvania, ei-la que accorre cressurosa ao

THEATRO SÃO LUIZ
A alegre e deslumbrante revista
O PÊ DE MEIA
Pê de meia ao canto da arca.
Dizem só tã-o, hoje em dia.
O dono da mercearia
Que o assucar açambarca.
Mentira! Não há quem faça
Mais lucros que o São Luiz,
Co'o Pê de meia feliz,
Que açambarcou toda a graça!

vista, o Calendário socialista, o Estado e a Revolução de Lénine, etc.

Nos dias 25, 26 e 27 de maio realizou-se o Congresso anual, no qual estavam cerca de 25.000 aderentes. Foi já decidido que o partido passar-se-hia agora a intitular "Partido Comunista búlgaro".

Os últimos sucessos do partido têm feito enervar muitos dos seus adversários. O gabinete ministerial composto de socialistas "largos radicais e conservadores, tem dirigido contra o partido comunista todas as forças da reacção.

Mas as perseguições não diminuem o entusiasmo do movimento revolucionário.

O professorado primário E A organização sindical

No último número do *Professor primário*, órgão do professorado primário do país, acabamos de ler o relatório dos seus delegados ao II Congresso Operário Nacional. É um documento que a todos nós, operários, que desejamos a aproximação com essa falange de apóstolos do progresso e da instrução que são os humildes professores primários, muito interessa. Por isso, com bastante satisfação, transcrevemos as passagens em que mais eloquentemente se afirma a fraternidade existente entre os operários e os professores primários:

Foi o Congresso de Coimbra a maior manifestação das forças produtivas até agora realizada. Nele se fizeram representar grande numero de federações, uniões e sindicatos das mais variadas manifestações da vida profissional.

O principal objectivo deste Congresso era a fundação em novas bases da Central dos Sindicatos Portuguezes, visto que a antiga, a União Operária Nacional, não satisfazia já as aspirações e as necessidades das classes produtoras organizadas.

Esta, pois, fundada a Confederação Geral do Trabalho Portuguez, Compete agora aos seus dirigentes dar-lhe corpo, vida e orientação, para que ella seja um organismo forte, representante da consciência das classes produtoras.

Tivemos a satisfação de verificar que as considerações feitas pelo professorado primário foram escutadas com verdadeiro interesse, tendo sido a nossa moção aprovada por aclamação. Devemos aqui acenar que não pôde ser maior o carinho com que o professor primário ali foi tratado, tendo sido atendida com verdadeira preocupação e intelligencia a razão da sua representação no Congresso.

Está fundada a Confederação Geral do Trabalho, disseamos. Ao professorado primário cumpre estudar a sua organização e função.

Ao professorado primário cumpre entrar definitivamente na sua verdadeira vida de classe organizada.

AS PERSEGUIÇÕES DA REPUBLICA

Os presos de Odemira

As perseguições no Vale de S. Tiago.—Incommunicabilidade dos prisioneiros rurais. Nem as crianças são poupadas

Continuam detidos na cadeia de Odemira os trabalhadores rurais do Vale de S. Tiago, acusados por motivo do assalto efectuado há tempos a um celeiro pertencente a um abastado lavrador da região. Os auctores deste assalto não conseguiram nunca a autoridade desdobrá-los. E para não ficar parada, entrou de exercer-se perseguições a esmo, prendendo-se a tórto e a direito e procurando-se preferentemente os trabalhadores que mais se haviam salientado no movimento contra a carestia da vida de Novembro do ano findo.

São os seguintes os rurais presos em Odemira: Joaquim Malveiro, Luis Malveiro, Francisco José, Joaquim Manoel José, Francisco Antonio Penedo, Antonio Raposo Lebre, Francisco Mestre, João Cintura, Pedro da Costa, Francisco Leonor, Jacinto Medeiros, Joaquim Leonor, Francisco Maria, Joaquim Antonio Bruno, Manuel Domingos e Manuel Hilario. São todos eles do Vale de S. Tiago. Os cinco ultimos estiveram já deportados em Africa, de onde regressaram há pouco, sendo novamente capturados.

No Vale de S. Tiago as perseguições continuam truculentas, e nem as mulheres e crianças são poupadas. Arrambam-se portas, invadem-se domicilios ameaça-se e insulta-se. Os jornais enviados para o Vale de S. Tiago raro é chegarem ás mãos dos destinatários, e quando chegam é tarde e a más horas porque os magnates da terra querem primeiramente verificar-lhe o conteúdo.

O regedor, um tal José Augusto Penedo, que já exercia o cargo no tempo de Sidónio Pais, é homem da inteira confiança dos famosos lavradores irmãos, Eudário e Júlio, que são quem mais se tem empenhado nas perseguições exercidas.

Os presos de Odemira são procurados em geral tres vezes por semana por suas mulheres. Tem estas infelizes de efectuar um percurso longo, de cerca de cinco horas por caminho áspero. Para outras pessoas que tentam falar com os presos há prohibições absolutas, que vão até ao ponto de não deixar ninguém aproximar-se das janelas da cadeia.

Os julgamentos já se não effectuam em Janeiro próximo, como se esperava, e sabemos que há todo o empenho em prender mais camaradas rurais do Vale de S. Tiago que se afastaram para uma prisão perfeitamente inexistível.

Esta é a situação rápida mas verdadeiramente descrita. Um delegado da comissão pré-presos conseguiu falar no domingo ultimo com os encarcerados de Odemira, aos quaes entregou oitenta escudos, e ainda cinco escudos para Maria Jacinta a viuva do camarada José Nunes, falecido a bordo do *Zaire*, no regresso de Africa.

Apesar de tanto sofrimento, a despeito de tanta violência e de tanta infamia, as populações rurais não desanimam. E assim é que os camaradas de Odemira estão tratando de arranjar sede propria para o seu sindicato, e vão reclamar os objectos dali retirados pela autoridade a quando do encerramento.

Perseguições governamentais

Comissão pré-presos por questões sociais

Reuniu esta comissão e apreciou vário expediente e atendeu várias familias de presos por questões sociais. Constatou também a libertação dos camaradas Diamantino Fernandes e Guilherme Artibeiro, pedreiros, que se encontravam presos por vender "A Bandeira Vermelha".

Resolveram-se ir ao encontro do dr. Magalhães Barros, juiz do 3.º juízo a fim de abreviar as formalidades para os julgamentos dos presos que se encontram no forte de Monsanto e Limoeiro.

Lembra-se a todos os camaradas que é preciso não esquecer o auxilio a prestar aos camaradas presos por questões sociais, que é preciso manter toda a solidariedade para com aqueles que se encontram privados do carinho da familia e encerrados nas masmorras desta Republica tão desigual para aqueles que a tem defendido e muito benevolos para os causadores destas desigualdades consecutivas para a classe trabalhadora que tudo produz e tão mal tratada tem sido pelos governantes e assemblarados.

Esta comissão avistou-se anteontem com o director da policia de segurança do Estado a quem fez ver que do Porto enviaram um telegrama pedindo a libertação dos presos ainda na Casa de Reclusão o que ia ser immediatamente enviado um telegrama nesse sentido com os nomes dos camaradas que iam ser postos em liberdade.

Recebeu-se também da associação dos pedreiros do Porto, um telegrama participando que a assemblia tinha resolvido enviar auxilio material.

Hoje reúne esta comissão das 18 às 22 horas, onde recebe o auxilio para os presos por questões sociais.

DEPOIS DA GUERRA

Uma interessante estatística sobre as reparações feitas depois da annistia

PARIS, 9.—O salão automovel dos cycles e sports, que desde 1913 não funcionava, foi esta manhã inaugurado pelo sr. Poincaré.

Discursando no Club Franco-Americano o sr. Tardieu deu numerosos interessantes sobre os esforços de reconstrução realizados desde que se assinou o armistício.

Em 2.246 quilómetros de vias ferreas destruidas, foram reparadas 2.016 quilómetros; em 1.675 quilómetros de canais inutilisaveis foram reparados 700; em 1.160 obras de arte destruidas pelo inimigo foram reconstruidas 588; de 550.000 casas arruinadas pelas granadas, 60.000 foram já levantadas.

Nas regiões devastadas foram arrancados 10.000.000 de metros de arame farpado e em 1.800.000 hectares revolvidos pelas batalhas, 400.000 foram restituídos ao trabalho, dos quaes 200.000 prestes a serem sementeados. Acrescentou o sr. Tardieu que o rendimento dos impostos, que em 1911 era de 5 bilhões, se eleva a 12 bilhões em 1919. Disse ainda que o país que perdeu perto de 2 milhões de trabalhadores, mortos ou mutilados, que pela invasão foi privada de um quinto do seu capital produtivo e que forneceu por si mesmo um tal reforço, tem direito a contar com o auxilio activo dos seus aliados para o restabelecimento completo da sua situação económica e financeira.—H.

Teófilo Duarte

O tenente sr. Teófilo Duarte apresentou-se ontem na repartição do gabinete da secretaria da guerra. Consta que fica na situação de licença ilimitada.

Carpinteiros Civis

AVISO
O beneficio para o nosso ex-camarada José Augusto do Carmo, fica transferido para o dia 19 do corrente. Pedese a todos os camaradas que tenham bilhetes em seu poder, para prestarem contas na próxima terça-feira.

A "CASA DOS JORNALISTAS"

Uma nova recolta a favor desta iniciativa
Começaram hoje, com êxito brilhante, os trabalhos destinados á realização da recolta que a "Vitoria" promove a favor da "Casa dos Jornalistas".

O presidente da Republica a quem dois dos iniciadores desta instituição procuraram ontem manifestou o seu inteiro aplauso á ideia, prometendo auxiliá-la.

A comemoração do 12 de outubro

O sr. Sá Cardoso assistirá aos festejos a realizar em Evora
O sr. presidente do ministerio que, como se sabe, vai a Evora assistir aos festejos por motivo do aniversario da revolta contra o desembrismo, parte amanhã de manhã, para aquella cidade donde regressa á noite.

Afim de abrilhantar os festejos segue também para Evora a banda da Guarda Republicana, que dará um concerto no dia 12.

O bairro social do Porto

Parte hoje para o Porto o ministro do trabalho que vai assistir ao lançamento da primeira pedra do bairro social daquela cidade. Para o mesmo fim seguiram ontem para ali os srs. Alfredo Franco e Julio de Macedo, do concelho de administração dos bairros sociais.

Desordem num prostíbulo

Anteontem, de madrugada, de uma casa de mulheres francesas, na rua de Glória, 63, fizeram vários toques de apito, a fim de compor a policia e pôr fora os visitantes.

A policia, que compareceu, prendeu por desobediencia insubordinada e ameaça quando os mandava sair, os srs. Heitor de Carvalho, tenente da companhia de saúde; Rui Ebling e Mario Garcia Ebling, rua Almirante Barroso, 84, e Henrique Franco, rua das Gáveas, 21 e José Nogueira Junior, rua do Mundo, 117, 1.º.

A Casa dos Trabalhadores é uma aspiração pela qual todos os proletários devem interessar-se.

TEATRO APOLO
A's 21 h. 15. Última semana
LEBRE CORRIDA
E' já no dia 17 que sobe á scena a peça de viagens de Luiz Aquino musicada de Luz Junior e D. Luiz Quesada.
O guarda-roupa que é duma riqueza desusada é feito por Manuel Castello Branco illustre professor de indumentaria do Conservatorio de Lisboa.

Vida cara e difícil

Mais bacalhau pôdre?

Informamos-nos de que ontem, pelas 13 horas, pelos agentes de fiscalização José Gonçalves de Sousa Barreiros, José Mariano de Sousa Portela e Francisco da Conceição Lopes, foram apreendidos por suspeita de estarem improprios para o consumo 350 kilos de bacalhau a diversos vendedores ambulantes, e que estavam efectuando a venda ao publico, na area de S. Domingos e Poço do Borratão.

Géneros deteriorados

O ex-ferroviário Tomás Domingos de Oliveira, descobriu que o vagon ag. n.º 2767 fôra há tempos despachado na estação de Torres Novas, com carga completa de sementes (sic) com destino a Lisboa-mar, foi ali descarregado e mais tarde fôr volu a ser carregado no mesmo vagon e novamente expedido para Lisboa-mercado. A semente é composta de três qualidades que muito se assemelham a massa de vidraça, ferro estrumado e outra com bagos de trigo, estando este camarada aos fiscaes das subsistências para não o perderem de vista porque se supõe que se destina ao fabrico de pão.

Da mesma procedência e com o mesmo destino segue o vagon j. n.º 2382 com igual carregamento, supondo que ambos se destina á fabrica de Bemfica.

O mesmo ex-ferroviário denunciou a remessa n.º 78.235, constando de dois fardos de bacalhau pôdre que vieram devolvidos da estação de Váldo á consignação de António J. Baão, rua das Pedras Negras, 45 a 49.

Continua com sentença a vista o já celebre vagon j. 2171, na estação de Braço de Prato com arroz pôdre, como a *Batalha* se referiu e que ali se encontra desde o dia 6 do corrente.

—Consta ao mesmo camarada que na estação de Coimbra se encontram 2 vagons com arroz pôdre que o destinatário não aceitou e que já tem rótulo para Alverca. É provavelmente para fazer farinha.

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislado para os outros

Discursos, Larachas & Votações

Congresso da Republica

Reaberta a sessão ás 17 horas e meia sob a presidencia do sr. coronel Xavier Correia Barreto, o dr. Julio Martins referindo-se ao facto de há tres dias reunir o Congresso para a eleição do Conselho Parlamentar, sem que este não tenha conseguido ficar eleito, declarou que os seus amigos politicos resolveram votar apenas um representante, para o referido conselho, embora lhe tivessem indicadas 3, para assim mostrar a isenção do grupo que o acompanhava.

O dr. Eduardo de Sousa pergunta de quantos deputados se compõe o *quorum*.

O dr. Antonio Granjo declara que o P. R. L. não faz questão do numero de representantes que deve ter no aludido conselho o que pretende apenas é que se cumpra a lei.

Reputa um absurdo e um principio contrario á constituição e a todo o espirito juridico, fazer-se uma votação contando com votos de individuos que estão ausentes.

Cruzam-se apartes diversos e o dr. Eduardo de Sousa exaltado, pergunta: Sim! Em que situação está aqui o dr. Atonso Costa?

O dr. Eduardo de Sousa, volta a interrogar a mesa, estranhando no debate a attitude do sr. Antonio Maria da Silva, a quem considera o Kaiser da maioria perante o qual não trepida.

O sr. Antonio Maria da Silva diz que, não porque o sr. Eduardo de Sousa lhe não mereça consideração, mas que de tudo o que disse de mais interessante foi a plaida do kaiser.

Em resposta ao sr. Antonio Granjo dirá que a maioria desde o principio teve sempre o mesmo ponto de vista legal enquanto que o P. R. L. de cinco em cinco minutos está mudando de opinião, alegando para tal fim motivos injustificaveis.

Depois de uma série de considerações termina afirmando que o melhor será dizerem claramente que só se fará a dissolução, segundo o sr. Antonio Granjo, quando o P. R. L. assim o entender.

Procede-se em seguida á votação para o conselho parlamentar para cuja eleição foram nomeados escrutadores: Campos de Melo e Manuel José da Silva.

A eleição deu o seguinte resultado: Domingos Pereira, 64 votos; Herculanio Galhardo, 64 votos; Alvaro de Castro, 64 votos; António Maria da Silva, 65 votos; Vitorino Guimarães, 65 votos; Costa Junior, 6 votos; José Gregório de Almeida, 5 votos; Augusto Dias da Silva, 1 voto; Júlio Martins, 9 votos; Coutinho da Costa, 7 votos; conego Andrade, 3 votos.

O conselho ficou assim composto por todos os individuos votados.

O dr. Abílio Marçal pede para ficar consignado na acta que, quando se lá proceder á eleição, o P. R. L. abandonará a sala.

Em seguida encerrou-se a sessão.

AVENDA: NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Val ser prohibida a exportação de sardinha

Segundo consta o ministro do commercio inferir-se os pedidos que lhe forem dirigidos para exportação de sardinha da estiva, prensada ou em salmoira.

Trabalhadores lêde e propagai

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

União dos Sindicatos Operários de Lisboa.—A assemblia de delegados occupou-se de vário expediente, entre elle um officio pedindo delegados á sessão solene que se realiza na Sociedade Voz do Operário, comemorativa do seu 40.º anniversario, sendo nomeados dois delegados, fazendo-se esta União representar também na sessão de propaganda que se realiza no próximo domingo, em Palma de Cima. Entrando-se na ordem dos trabalhos, que constava da apresentação do relatório dos delegados que foram ao II Congresso Operário Nacional, houve larga discussão no sentido de bem se interpretar a nova forma organica a imprimir a esta União, para assim se cumprir com as resoluções do mesmo Congresso. Posto á votação foi o relatório aprovado por unanimidade. Em seguida tratou-se da situação dos jovens sindicalistas presos, estranhando-se que o seu julgamento tivesse sido marcado para 30 de Setembro, e depois adiado por falta de guarda republicana, argumento apresentado para justificar esse adiamento, mas desmentido horas depois, quando a mesma guarda prendeu mais 108 jovens sindicalistas. Esses presos, segundo nos informam, só podem responder em Janeiro... Sobre este assunto travou-se larga discussão, tendente a conseguir-se o mais rapidamente possível o seu julgamento, pois, caso contrario, representará o adiamento mais uma vingança pois esteve tudo pronto para o fazer julgar no dia 30 p. p. Em vista disto a assemblia aprovou por unanimidade o seguinte:

1.º Realizar sessões em todos os sindicatos, de protesto contra as prisões operárias, por questões sociais.

2.º Realizar um comicio publico de solidariedade para com os mesmos presos.

—A Comissão Administrativa em harmonia com o deliberado anteontem, convidou as direcções de todos os sindicatos, a promoverem as referidas sessões de protesto, para as quaes esta União enviou delegados. Mais participa que essas sessões são realizáveis até ao dia ultimo deste mês, para se poder effectuar o comicio no dia 2 de Novembro.

Federação Nacional da Construção Civil.—Reuniu ontem o Conselho Federal, juntamente com a Comissão Inter-Sindical sendo apreciado, antes da ordem dos trabalhos, um officio da Associação do Seixal, pedindo que delegados da Federação, vão tratar de fazer algumas sessões de propaganda junto do pessoal que trabalha na linha do Barreiro a Cadilhas, tratando ao mesmo tempo da questão dos seus salários. Foi lido um officio da Associação da Construção Civil de Portimão, sendo resolvido enviar-se resposta sobre as resoluções do Conselho sobre o assunto. Entrando-se na ordem dos trabalhos, que era a questão do horário na industria, foi resolvido depois de acalorada discussão, que se nomeassem comissões de vigilância ao horário em todas as freguezias, e ainda que se puzesse a funcionar a Eolsa de Trabalho desta industria, para inscrever todos os operários que auferiam salários abaixo da tabela que foi enviada em Maio aos mestres, para serem colocados em obras em que se pretende fazer horas suplementares a pretexto da falta de braços.

Esta Federação, tendo verificado que na porta principal da sua sede estavam dois guardas e um chefe, que não consentiam o livre acesso ao edificio, enviou uma comissão ao governo civil, a protestar contra tal procedimento—tendo obtido a resposta de que eram ordens do chefe do governo—o que é uma nova violação, que se deve cognominar de ridicula.

Trabalhadores de Teatro.—Constatando a esta associação que alguns artistas dramaticos tem manifestado o seu desagrado pela realização das *matinées* do dia 6 do corrente, a comissão

directora da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro repete a menor responsabilidade que lhe seja imputada sobre o assunto.

Essas *matinées* foram realizadas por virtude de deliberação unânime tomada na assemblia geral de domingo 28 de Setembro, assemblia em que os referidos artistas podiam ter feito ouvir a sua opinião, opondo o seu voto a quaesquelles que determinaram a realização das referidas *matinées*.

Ainda pelo mesmo motivo a comissão directora resolveu convocar nova assemblia geral para domingo 19 do corrente, a fim de que os nossos concórcios definam, de um modo geral, ineluctivo, a sua opinião para futuras *matinées*.

Ferreiros.—Esta classe manteve-se no mesmo pé, até que as suas reclamações sejam atendidas.

Marceneiros.—A comissão de melhoramentos, na sua reunião apreciou o facto de em algumas casas se trabalhar ao domingo, sem respeito algum pela lei do descanso semanal, resolvendo que no próximo domingo saiam comissões de vigilância para toda a cidade, a fim de fazerem cumprir a lei, que não permite que qualquer officina esteja em laboração no dia do descanso semanal, sob pena do respectivo industrial ter de pagar multa.

Encontra-se em actividade o bolsim de trabalho deste sindicato, que trata da colocação dos marceneiros que não tem trabalho, assim como atende todos os industriais que precisem de pessoal.

Federação dos Empregados no Comércio.—Reuniu ontem a Junta da Zona Sul da Federação dos Empregados no Comércio Portuguezes tomando conhecimento de vário expediente, resolvendo convocar a comissão mixta da associação para a próxima quarta-feira, para deliberar o caminho a seguir sobre as 8 horas.

Foi nomeado o camarada Vasco Luciano para assistir, como delegado desta Junta, á sessão solenne da Secção Civil de Palma e Arredores.

CONVOCAÇÕES

Federação Corticeira.—Reúne amanhã esta Federação, pelas 11 horas. Pede-se a comparencia de todos os delegados.

Caixeiros de Lisboa.—Para tratar dos assuntos que se prendem com a abertura das aulas; convocam-se os camaradas abaixo mencionados a reunirem na próxima terça-feira, 14, pelas 21 horas, na sede deste sindicato: Eduardo Relvas, Edmundo Tavares, Manuel Marques, Bernardino dos Santos, Artur Bastos, Vasco da Silva, Luciano, Esquelito Baptista, Raúl Dias, Fausto da Silva Gonçalves, Francisco Mariano, Artur Bento de Sousa, Joaquim Pedro, João Ferreira Cabecinha, Mário Pinto, António Faustino, Adão Maria Duarte, Júlio Pinho, Francisco Lourenço, J. da Cunha Rodrigues, Luís Simões, José da Costa e Anselmo Infante.

Cerâmicos.—A assemblia geral reúne na quarta-feira.

Condutores de Carroças.—Amanhã, pelas 14 horas, reúne em assemblia geral, a fim de apreciar o relatório do delegado ao Congresso Operário de Coimbra e deliberar sobre assuntos pendentes da última assemblia.

Canteiros e Cabouqueiros.—A assemblia geral reúne amanhã, ás 16 horas, para apreciar o relatório do delegado ao congresso de Coimbra.

Fragateiros.—Para tratar de assuntos de interesse para a classe reúne em assemblia geral, hoje, pelas 20 horas.

Estivadores.—Reúne hoje em assemblia geral para ser discutido o relatório do delegado ao congresso operário de Coimbra, e vários trabalhos de interesse para a classe.

A conquista do ar

Serviço de dirigíveis entre Stockholm e Berlim
STOCKHOLM, 9. — A's quatorze horas de ontem partiu desta cidade o dirigivel alemão "Bodense" levando 18 passageiros suecos. O "zeppelin" chegou a Berlim ás 22 horas e meia. Em Stockholm presenciaram a sua partida milhares de pessoas.

A questão de Fiume

D'Annunzio vai fazer eleições...
ROMA, 7 — Segundo *Il Popolo Romano*, d'Annunzio convocou para 16 de Novembro os eleitores de Fiume e só um deputado do parlamento italiano se apresenta como candidato, é o coronel Rizzo.—H.

Inquilino explorador

O primeiro andar do prédio n.º 42, da rua da Imprensa Nacional está arrendado a um individuo que, por seu turno, aluga as dependências a várias pessoas, com isso arrecadando, ao que nos contam, um lucro importante. Uma das hóspedes do individuo mencionado era uma velhota que sempre conservou paga em dia a sua renda. Pôssa velhota foi expulsa do quarto, violentamente, porque por ter o dono da casa a intenção de exigir renda mais elevada ao hospede que a fosse substituir. Certo é que este facto indignou profundamente todas as pessoas moradoras no prédio, que se dirigiram á senhoria, no intuito de protestar contra o procedimento do locatário do primeiro andar citado. Como a senhoria esteja ausente de Lisboa, projectam os moradores enviar-lhe um abaixo assinado, requerendo a expulsão do desmaturado.

NA LITUANIA

O governo demissionario

BASILEIA, 7 — Dizem de Kowno, de origem alemã, que o gabinete lituano está demissionario, não havendo, entretanto, nenhuma confirmação.—H.

NA HUNGRIA

Os romenos evazoum Budapest.—Um ultimatum da "Entente"

ZURICH, 8. — Comunicam da Hungria que os romenos começaram sabado a retirar-se para a linha traçada pelos aliados. As tropas húngaras entram nas localidades evacuadas, sendo recebidas com grande jubilo. A maior parte das tropas romenas abandonou Budapest, Corre com insistencia o boato de que a "Entente" enviou uma nota energica á Roménia, exigindo a retirada dos romenos, até ao rio Maros, no prazo de oito dias. Não o fazendo, os aliados bloquearão o porto de Constancia.

O TEMPO

OS QUE MORRE

CASINO RECREATIVO DO MONTE — As quintas-feiras e domingos, patinagem, jogos e outros divertimentos.

PROMOTORA — Espectáculos e concertos às quintas-feiras, segundas e quintas-feiras.

SALÃO PORTUGAL — Animatógrafo. Sessões permanentes todas as noites.

N.º 225 de A BATALHA - Folhetim N.º 27

O CALVÁRIO

Por OCTAVE MIRBEAU

VI

Não era cuidadosa, não tinha gosto e apenas exercia vigilância sobre a roupa do seu corpo e sobre o cão: o resto importava-lhe pouco, e as coisas caminhavam como queriam, ou antes como os criados queriam.

O nosso pessoal renovado compunha-se de uma cozinheira, uma velhota suja, gulosas, desabrida, cujos talentos culinários não iam além da tapioca, do fricassé e da salada; uma criada de quarto, Celestine, insolente, viciosa que não apreciava senão quem gastasse muito dinheiro; e finalmente uma criada de fora, a mãe Sochard, que cheirava rapé e todo o instante, e que se embriagava espantosamente, para esquecer as suas desgraças — dizia ela — porque seu marido lhe batia e lhe mordida, e a sua filha se tinha perdido.

Por esta forma o desperdício era

enorme, a nossa mesa pessima, e o resto andava ao acaso. Se acontecia termos visitas, Juliette encomendava na casa Bignon pratos muito caros e muito pretenciosos. Vi com desprazer estabelecerem-se familiaridades inconvenientes, uma espécie de ligação amistosa entre Juliette e Celestine. Quando ela vestia a ama, contava-lhe histórias que a entretinham, desvendando as intimidades sujas das casas por onde tinha passado, e dava-lhe conselhos. Em casa do sr. A... fazia-se assim; em casa do sr. B... fazia-se assim; A's vezes Juliette ia para a casa onde Celestine estava cosendo, e lá ficava, horas inteiras, sentada sobre uma pilha de lençóis, a ouvir os inesgotáveis «contos» da criada. De tempos a tempos, levantavam-se discussões a pretexto de um objecto quebrado ou de uma falta de serviço. Celestine exaltava-se, dizia as mais grosseiras injurias e tombava os móveis, gritando com a sua voz esganada:

— Ora... obrigada!... Isto não é casa; parece uma barraca! Estupidos assim! Sabes, minha menina? Rio-me de ti, e do teu basbaque, que parece um melão!...

Juliette despidia-a, não querendo mesmo que ela completasse os seus oito dias.

— Sim, sim! Faze já a trouxa, malcriada... Já!

E vinha agachar-se ao pé de mim, tremula e pálida...

— Ah! meu querido, que indigna criatura! Eu, que a tratava tão bem!

A' noite, tudo estava harmonizado.

E, por sobre os risos que recomçavam, a voz de Celestine tagarelava:

— A tal condessa sempre era uma desavergonhada! Ah! Que desavergonhada!

Um dia, Juliette disse-me:

— A tua mulhazinha não tem nada que vestir... Está nua de todo, a pobre!

Então foram novas correrias para a casa da modista, da costureira; e voltava alegre, viva, mais amorosa. A sombra de enfado que lhe anuviava o rosto, dissipava-se. No meio dos tecidos e das rendas, entre as plumas e outras ninharias, é que ela estava verdadeiramente no seu elemento; alegrava-se, resplandecia. Os seus dedos apaixonados experimentavam prazeres físicos correndo sobre o setim, tocando os crepões, acariciando os veludos, perdendo-se nas ondas leitosas das finas batistas. O menor pedaço de seda, que ela amarrota-se, revestia logo o ar de uma coisa viva; sabia, como ninguém, tirar os mais extraordinários efeitos das *soutaches* e das *passanteries*. Apesar de me inquietarem estas fantasias ruinosas, não podia negar coisa alguma a Juliette, e deixava-me arrastar pelo bem-estar de saber feliz, pela fascinação de a ver tão encantadora; e ela, cuja formosa embelezava os objectos inertes que a cercavam; e ela, que animava de graça e de vida tudo em que tocava!

Durante mais de um mês, todas as tardes nos vinham trazer a casa embrulhos, caixas, estojos exquisites... E os vestidos sucediam-se aos vestidos, os chapéus às capas. Sombrinhas, camisas

bordadas, as mais extravagantes roupas amontoavam-se, transbordando das gavetas, das comodas, dos armários...

— Tu compreendes, meu querido — explicava Juliette, surpreendendo os meus olhares de admiração. — Tu compreendes... Eu não tinha nada... Isto é um fundo de reserva... Depois, basta conservá-lo e entretê-lo... Oh! Nada de receies... Eu sou muito econômica... Olha, repara... Mandei fazer em todos os vestidos um corpete afogado, para passeio, e outro decotado, para quando formos à Ópera! Conta quantos vestidos isto economiza... Um... dois... três... quatro... cinco... Cinco vestidos, meu querido!... Vês tu?

Uma vez levou ao teatro um vestido que fez sensação. Enquanto durou essa noite mortal, fui o mais desgraçado dos homens... Sentia a concupiscência dos olhares de toda a sala assestados sobre Juliette, daqueles olhares que a despiam, daqueles olhares que deixam cair impurezas sobre a mulher que se admira. Teria querido esconder Juliette no fundo do camarote, afiar-lhe para cima um véo de lá escura e grosseira, e com o coração mordido pelo odio, desejava que o teatro, subitamente, desmoronasse com um cataclismo, que ele esmagasse, com uma queda formidável do lustre e do tecto, todos aqueles homens que me roubavam cada qual um pouco do pudor de Juliette, que me arrastavam cada qual um pouco do seu amor. Ela, triunfante, parecia dizer: «Agradeço-lhes, senhores, acharem-me assim tão bela; provam que são todos, homens de bom gosto.»

Apenas entramos em casa, apertei Juliette contra mim, e durante muito tempo, tive-a abraçada contra o coração, repetindo sem cessar: «Tu amas-me muito, minha Juliette?... Mas o coração de Juliette já não me ouvia. Vendo-me triste, percebendo no bordo dos meus cílios lágrimas prestes a rolar pelas faces, desembaraçava-se dos meus braços, e um pouco ofendida, disse-me:

— Como! Pois eu era a mais bela de todas, de todas!... E tu não estás contente?... E choras?... Não é gentil!... Que queres então?

A nossa primeira zanga, deu-se a propósito dos amigos de Juliette. Gabriele Bernier, Jesselin e alguns outros personagens, levados por Malterre, em outro tempo, à rua Saint-Petersbourg, continuavam, sem que eu os tivesse convidado, a perseguir-nos, na rua Balzac... E isso não me convinha; queria separá-la de todo o seu passado. Declarei-o francamente a Juliette, que pareceu, ao princípio, muito admirada.

— Que tens tu contra o sr. Jesselin? — perguntou-me ela.

— Tratava os outros familiarmente... Mas ele era o senhor Jesselin, com um grande respeito.

— Não tenho nada contra ele, positivamente, minha querida... Mas desagrada-me, irrita-me... é estúpido... Creio que são razões mais do que suficientes para não desejar ver esse imbecil...

Juliette escandalizou-se imenso... Que eu pudesse tratar de imbecil um homem da importância e da reputação

do senhor Jesselin, isso não lhe entrava na cabeça. Olhava-me com espanto, como se eu acabasse de proferir uma abominável blasfêmia.

— Imbecil, o senhor Jesselin!... Éle, um homem tão correcto, tão sério!... Que já foi às Índias!... Mas tu não sabes então que éle é da Sociedade de Geografia?

— E Gabriele Bernier?... Também é da Sociedade de Geografia?

Juliette nunca se exaltava. Apenas, quando se zangava, os olhos se lhe tornavam subitamente mais duros; cava-se-lhe mais funda a ruga da fronte e a voz perdia um pouco da sua doce sonoridade. Ela respondeu simplesmente:

— Gabriele é minha amiga.

— É exactamente isso que eu censuro!

Houve um momento de silêncio. Juliette, sentada em uma poltrona, amarrava as rendas do vestido, reflectindo. Errava-lhe nos lábios um sorriso irónico.

— Então, não devo ver ninguém?... E o que tu queres, não é verdade?... Pois bem, isso vai ser divertido!... Nós já não saímos nunca!... Vivemos como verdadeiros lobos...

— Não é disso que faço questão, minha querida... Tenho amigos... dir-lhes-ei que venham...

— Sim, conheço-os, os teus amigos... Estão a vê-los!... Literatos, artistas!... Gente que não se entende quando falamos... e que nos levará dinheiro!... Obrigada!...

Despedido, respondi bruscamente:

— Os meus amigos são homens bem, entendes? E tem talento... E quanto que esse cretino e essa desavergonhada!

— Basta! — ordenou Juliette. — queres? Está bem! Fechar-lhes-ei a porta... Terias feito melhor, quando existisse viver comigo, prevenir-me que me querias enterrar viva... Eu teria pensado no que me convinha fazer...

Ela levantou-se... Não pensei mesmo em lhe dizer que havia sido o pelo contrário, que tinha desejado aquela existência em comum, compreendendo que seria agravar inutilmente a discussão. Tomei-lhe a mão.

— Juliette! — supliquei.

— Que é?

— Estás zangada?

— Eu? Pelo contrário, estou muito contente...

— Juliette!

— Vamos, deixa-me... acaba... zez-me mal.

Juliette conservou-se despidada toda o dia; quando eu lhe dirigia a palavra não me respondia, ou contentava-se com articular, numa voz breve, monossilábicos irritantes. Sentia-me inteiramente desesperado; desejaria beijá-la e bater-lhe, cobri-la de beijos e de pancadões, e olhar desdenhosos. Em vez de enternecer-me com os meus modismos, com os olhares respeitadores dolorosos, a sua máscara conservava-se imperturbável, a sua fronte enrugava-se, sombria e inquietante. (Continua)

PAPELARIA

Viuva de Manuel da Costa Marques & C.ª Limitada

Rua do Ouro, 36

Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ES-CRITORIO

SIFILIS

Grande descoberta do plantar para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Contém de pessoa em pessoa curas. Trate-se de todas as doenças por meio do orval. Pacote, 800 réis. Traveza da Oliveira, 21, rez-do-chão, direito, à Estrela.

A BATALHA em TOMAR vende-se na officina de alfaiate e ser-zidor de Raimundo Ribeiro, rua Leiria, onde recebe anúncios e correspondências.

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

Louçaria do Pôço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, candieiros, faianças, porcelanas, etc., etc. Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana. Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de «A Batalha», tem o desconto de 6 % (sendo 3 % a favor do jornal).

Satisfazem-se encomendas para a provincia — ilhas e colónias —

Largo do Pôço Novo, 22 -- Lisboa

(Junto da C. do Combro, defronte da Palmeira)

TRABALHADORES:

Lêde A Aurora

Quinzenário de propaganda libertária

Redacção e administração

RUA DO SOL, 131

PORTO--PORTUGAL

A' venda nos quiosques, tabacarias e na administração de A Batalha.

Calçado Barato

Só vende o

CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do chafariz)

“A Batalha”

(Hino revolucionário)

Música do maestro Tomás del Negro e letra do poeta operário João Black. Um lindo folheto com capa artística, 10 centavos.

A' venda na administração de A Batalha.

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

Boa ocasião de comprar barato

Só na SAPATARIA BRASIL ou ROYAL na

Rua da Madalena, 206 a 208 e 210 a 22

é que todos devem comprar o seu calçado com economia e bom acabamento

SEMPRE SALDOS!

Sortimento de calçado para homem, senhora e criança

DESCONTOS A TODOS OS OPERARIOS

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e meso-olais em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE COCO, SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

Estabelecimentos

Séde: 51, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A.

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29.

3.ª Sucursal: Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 66, 68.



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e duma solidão capaz de resistir a todos os vãos.

CHAPELARIA LUZITANA

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galoias

TELEFONE 3676

A Rússia Nova

por Henriette Roland

Introdução de Perfeito C. r. valho

O sumário desta utilíssima brochura dá já uma ideia do seu valor. Trata ela da «Constituição actual da Rússia». — Estudo de um novo regime social. — Os Soviets e a sua obra. — Abolição da propriedade privada e reforma agrária. — Os serviços de instrução na Rússia. — Os factos principais ocorridos no primeiro ano da ditadura proletária vigente na Rússia são aqui amplamente estudados, sobre textos de Oulianov (Lénine), de Lunatcharsky e de outros vultos proeminentes da República dos Soviets. Toda a legislação do regime novo é analisada no seu aspecto essencial.

Uma bela brochura de 32 páginas, composição compacta, capa a cores.

Preço \$10 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

OURO!!!

Mais barato e não se paga feito — **Só milagre!!!**

OURO

Comprem na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galoias

TELEFONE 3676

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima.—Estatutos de 30 Novembro de 1894

AVISO AO PUBLICO

Apadeiro do Pinheiro do Latões

Segundo comunicação dos Caminhos de Ferro do Valle do Vouga a partir do dia 1.º de Outubro de 1919, é elevada à categoria de Apadeiro, a paragem de Pinheiro do Latões, ficando habilitada a todo o serviço de passageiros, bagagens, grande e pequena velocidade.

As distancias quilométricas de applicação são as que constam do quadro de distancias quilométricas daqueles Caminhos de Ferro, em vigor desde 1.º de Abril de 1919. Direct. Geral da Companhia, Ferrel de Mesquita.

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do país, aos Revendedores Gerais:

Ribes Macedo & Borges, S. res

67, Rua do Bomjardim, 69 — PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C.

Rua da Alfandega, 92 — LISBOA

sendo os preços por caixote de 30 caixinhas (25 goros):

Fósforos de enório 36\$00 ou \$01 por caixinha; ditos Amorfoz, 72\$00 ou \$02 por caixinha; ditos Cera, 72\$00 ou \$02 por caixinha; ditos Cera de Luxo n.º 1 (quarto caixote), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00 ou \$03 por caixinha, com o desconto legal de 10/100, seja qual for o número de goros pedidas.

Quisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139 — LISBOA

Banco Português e Brasileiro

SEDE

Rua Augusta, 34 — Lisboa

FILIAL

P. Almeida Garrett — Porto

CAPITAL: Esc. 10.000.000\$00

RESERVAS: Esc. 7.905.000\$00

Agentes em todo o país

Depósitos à ordem e a prazo em moedas portuguesas e estrangeiras

Compra e venda de câmbios

Correspondentes em todas as principais praças do mundo

Operações bancárias de todos os géneros

Cartas de crédito e circulares sobre todos os países

FABRICA DE BONETS

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo) (32)

Trabalhadores: Lêde e propagai A BATALHA.

TUBO de chumbo

de novo para Agua e Gás.

Tubo de ferro fundido para algerozes de 4"

Zinco em barra para galvanização de cavilhas.

Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavado.

Rodas Decauville novas.

Prancheta de ferro 1" x 3/16.

Meia cana 1" 1/2 x 1/2.

Folhas novas de molias.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Ferragem diversa para navios.

Paus de carga.

Um motor a gaz pobre completo Stocport 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro.

Uma ventoinha 7" 3/4.

Duas enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para caixas de exportação.

Taboado diverso.

Cimento marca TE-NAZ.

Carboreto A. B. B.

Vende: A. B. dos Reis.

Cais do Sodré, n.º 52 — Tel: C. 4317.

Companhia Nacional de Navegação

AFRICA OCIDENTAL

Primeiros vapores a sair:

Dia 10 — «Mossamedes», directo para S. Thomé.

Dia 22 — «Zaire», para Madeira, S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Thomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Loanda, (S. Nicolau, Culo, Egito, B. Velha, Ambriçote, Quinzau, Quissanga, Bema, Noguê, Matadi, Landana, Nculu e Mussera, com transbordo em Loanda) N. Redondo, Lobito, Benguela e Mossamedes.

Para carga, passageiros e quaisquer esclarecimentos dirigir-se à Companhia Nacional de Navegação, rua do Comércio, 85. No Porto, Sucursal da Companhia, rua Nova da Alfandega, 76, 1.º.

Biblioteca de A BATALHA

LEITURA QUE RECOMENDAMOS

Adrian del Vale — Jesus na guerra.....	\$50	Krapotkine: Os bastidores da guerra.....	\$03	Tolstói: A próxima revolução.....	\$30
Albert — O amor livre.....	\$50	A conquista do pão.....	\$50	A escravidão moderna.....	\$30
Alfredo N. Dias — A Razão (poemeta social).....	\$05	Palavras dum revoltado.....	\$50	Pão para a boca.....	\$20
Berthelot — Evangelho da Hora.....	\$05	A grande revolução (2 vol.).....	\$100	Acloero.....	\$30
Carvalho — Nem Deus nem Diabo.....	\$30	Em volta duma vida.....	\$105	Varenes — O terrorismo em França.....	\$70
Clare — Oração da fome.....	\$18	A anarquia — Sua filosofia, seu ideal.....	\$20	Zola: A taberna (3 v.).....	\$120
Dufour — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.).....	\$100	Landauer — A Social Democracia na Alemanha.....	\$02	A obra (2 v.).....	\$80
Delaiss — Os financeiros, os políticos e a guerra.....	\$05	Leone — O sindicalismo.....	\$50	A terra (2 v.).....	\$80
Delessalle — A Confederação do Trabalho.....	\$03	Libertas — O rei e o anarquista.....	\$03	A alegria de viver (2 v.).....	\$80
E. Silva — Teatro livre e arte social.....	\$05	Lima (Adolfo): Educação e ensino.....	\$40	Loures.....	\$105
Etievant — A minha defesa.....	\$05	O movimento operário em Portugal.....	\$20	A SEMENTEIRA — 4.º ano e até ao último número da 1.ª série, 16 números, 128 páginas de sociologia, biografia, gravuras, etc.....	\$30
Gorki: Os vagabundos.....	\$40	Malatesta: Em tempo de eleições.....	\$02	Os 2 primeiros anos da 2.ª série, 1916-1917, com ótima e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos, um volume de 384 páginas, solto.....	\$50
Os degenerados.....	\$50	Entre camponeses.....	\$10	Os 4 anos da 2.ª série (1916 a 1919) 656 páginas.....	\$100
Scenas de família.....	\$65	A política parlamentar no movimento socialista.....	\$02	FOTOGRAVIAS (em papel couché), de Bakunine, Berthelot, Caffero, Darwin, Faure, Ferreira, Gori, Lorenz, Morris, Paeppe, Proudhon, Reclus, Sudermann, Stepiak, cada.....	\$02
A angústia.....	\$30	Marx — O capital.....	\$50	O ZE (Número comemorativo do 1.º de Maio 1919)	\$02
Na prisão.....	\$40	Molinari — Problemas sociais.....	\$25		
Os ex-homens.....	\$30	Nordau: A mentira religiosa.....	\$20		
Grave: A sociedade futura.....	\$50	A mentiras convencionais da nossa civilização (2 vol.).....	\$50		
O individuo e a sociedade.....	\$50	Prat e Briand — Sindicalismo e greve geral.....	\$25		
A anarquia — Fins e meios.....	\$105	Ribeiro — O sentido de viver (versos).....	\$40		
Hamon: Psicologia do militar profissional.....	\$50	Roland — A Rússia Nova.....	\$10		
Psicologia do socialista-anarquista.....	\$50	Salgado — Mentiras religiosas.....	\$45		
Socialismo e Anarquismo.....	\$25				

Satisfazem-se todos os pedidos destas e de outras publicações, quando acompanhados das respectivas importâncias, e dirigidos à administração de A BATALHA.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º

LISBOA-PORTUGAL